

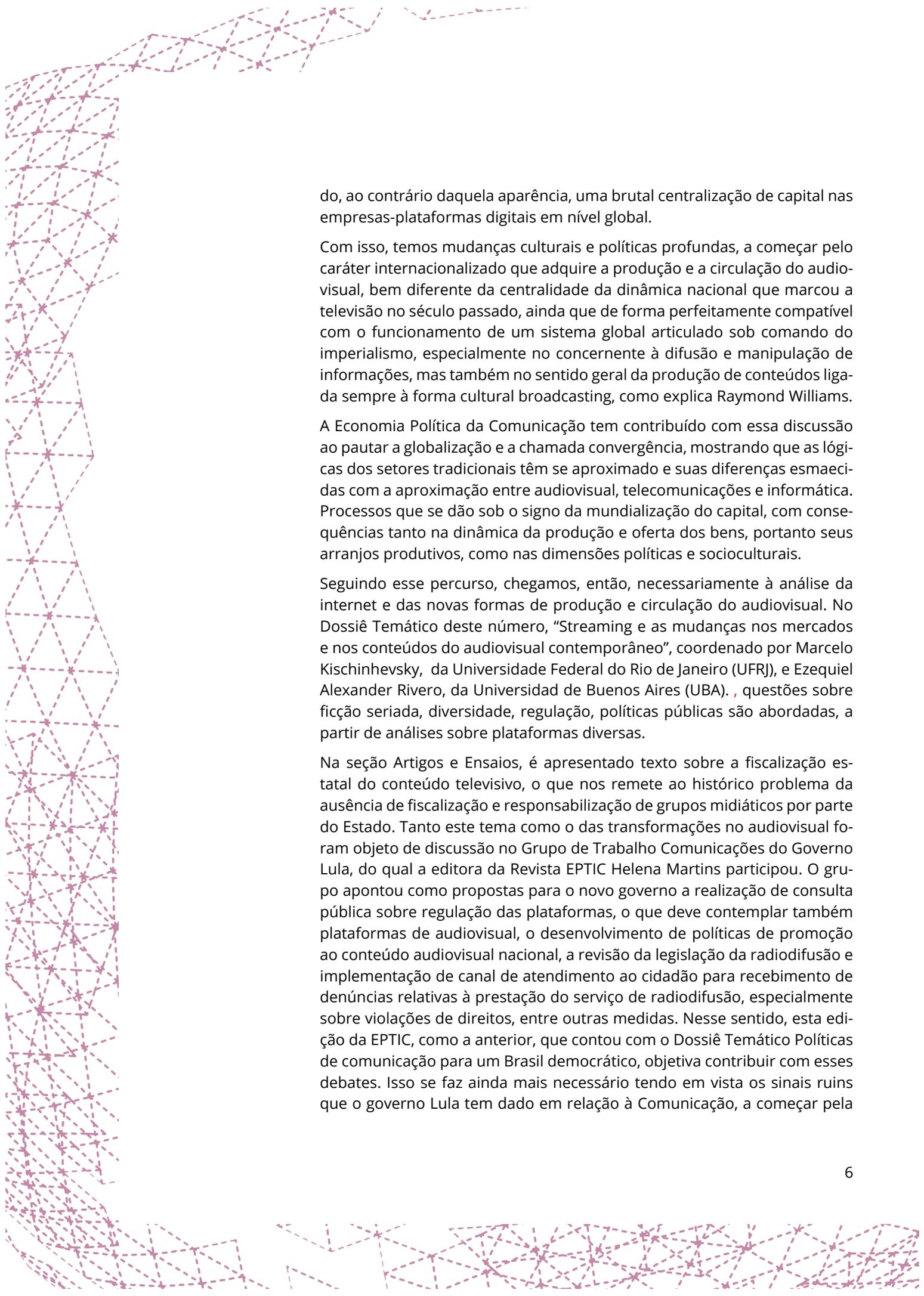
APRESENTAÇÃO DA REVISTA

César Bolaño e Helena Martins, pela equipe editorial

A nova edição da Revista EPTIC marca o encerramento do ano de 2022 e, em consonância com o período de mudanças que vivemos, trata, em seu dossiê temático, das transformações no audiovisual. Tal problemática é recorrente nos estudos latino-americanos alinhados à perspectiva da crítica da Economia Política da Comunicação. Desde a conformação do subcampo, a denúncia do uso político do sistema de radiodifusão e da concentração no setor, por um lado, e, por outro, a proposição de medidas democratizantes têm mobilizado formulações e ações de pesquisadores e pesquisadoras da região, que diagnosticaram os papéis políticos, econômicos e culturais da TV, associando-os às necessidades do desenvolvimento do capitalismo nos diferentes países, ao longo do século XX.

No momento atual, em que há a constituição de uma nova estrutura de mediação social em torno da internet, é crucial voltarmos nosso olhar ao audiovisual. Afastando ideias dicotômicas (que distinguem apocalípticos e integrados às novas tecnologias, para lembrar uma formulação clássica), entendemos que o soerguimento daquela nova estrutura desloca a centralidade da TV no conjunto da indústria cultural, ao passo que esta não deixa de cumprir suas funções clássicas de publicidade, propaganda, controle social e acumulação de capital. Ao contrário, a nova estrutura de mediação sofisticada e potencializa sua capacidade de ação a serviço do sistema.

Se há permanências, é verdade que há também novidades, afinal as tecnologias da informação e comunicação que moldam o próprio audiovisual hoje são vetores de transformações sistêmicas. Além daquelas funções, temos o desenvolvimento de uma função vinculada à interação, ampliando a relação dos indivíduos com agentes e conteúdos dessa indústria e constituindo, simultaneamente, uma aura de diversidade e pluralidade que pode ocultar a apreciação crítica dos novos espaços e formas de fruição. Desde a Economia Política da Comunicação, é possível identificar, uma vez mais, a contradição entre aparência e essência que marca o capitalismo. De fato, aparecem mais canais, sujeitos, conteúdos, o que é muito positivo para o enfrentamento da concentração histórica do setor audiovisual. Ocorre que essa diversidade é relativa, pois há uma progressiva apropriação capitalista da produção cultural, seja em seu sentido orientador, a busca pelo lucro, ou associada aos espaços nos quais essa produção tem circulado, indican-



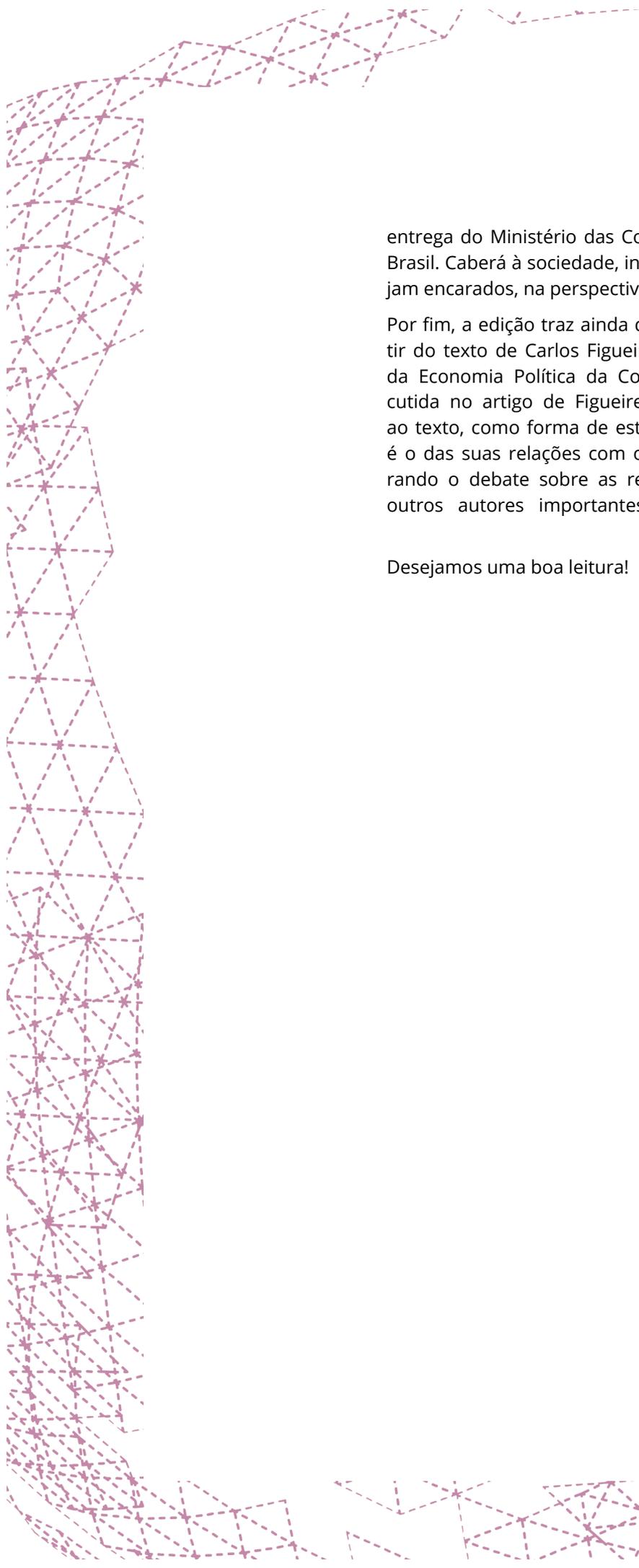
do, ao contrário daquela aparência, uma brutal centralização de capital nas empresas-plataformas digitais em nível global.

Com isso, temos mudanças culturais e políticas profundas, a começar pelo caráter internacionalizado que adquire a produção e a circulação do audiovisual, bem diferente da centralidade da dinâmica nacional que marcou a televisão no século passado, ainda que de forma perfeitamente compatível com o funcionamento de um sistema global articulado sob comando do imperialismo, especialmente no concernente à difusão e manipulação de informações, mas também no sentido geral da produção de conteúdos ligada sempre à forma cultural broadcasting, como explica Raymond Williams.

A Economia Política da Comunicação tem contribuído com essa discussão ao pautar a globalização e a chamada convergência, mostrando que as lógicas dos setores tradicionais têm se aproximado e suas diferenças esmaecidas com a aproximação entre audiovisual, telecomunicações e informática. Processos que se dão sob o signo da mundialização do capital, com consequências tanto na dinâmica da produção e oferta dos bens, portanto seus arranjos produtivos, como nas dimensões políticas e socioculturais.

Seguindo esse percurso, chegamos, então, necessariamente à análise da internet e das novas formas de produção e circulação do audiovisual. No Dossiê Temático deste número, “Streaming e as mudanças nos mercados e nos conteúdos do audiovisual contemporâneo”, coordenado por Marcelo Kischinhevsky, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Ezequiel Alexander Rivero, da Universidad de Buenos Aires (UBA), questões sobre ficção seriada, diversidade, regulação, políticas públicas são abordadas, a partir de análises sobre plataformas diversas.

Na seção Artigos e Ensaios, é apresentado texto sobre a fiscalização estatal do conteúdo televisivo, o que nos remete ao histórico problema da ausência de fiscalização e responsabilização de grupos midiáticos por parte do Estado. Tanto este tema como o das transformações no audiovisual foram objeto de discussão no Grupo de Trabalho Comunicações do Governo Lula, do qual a editora da Revista EPTIC Helena Martins participou. O grupo apontou como propostas para o novo governo a realização de consulta pública sobre regulação das plataformas, o que deve contemplar também plataformas de audiovisual, o desenvolvimento de políticas de promoção ao conteúdo audiovisual nacional, a revisão da legislação da radiodifusão e implementação de canal de atendimento ao cidadão para recebimento de denúncias relativas à prestação do serviço de radiodifusão, especialmente sobre violações de direitos, entre outras medidas. Nesse sentido, esta edição da EPTIC, como a anterior, que contou com o Dossiê Temático Políticas de comunicação para um Brasil democrático, objetiva contribuir com esses debates. Isso se faz ainda mais necessário tendo em vista os sinais ruins que o governo Lula tem dado em relação à Comunicação, a começar pela



entrega do Ministério das Comunicações para o partido de direita União Brasil. Caberá à sociedade, inclusive à academia, cobrar que tais temas sejam encarados, na perspectiva da democratização do setor.

Por fim, a edição traz ainda discussão sobre trabalho e linguagem. A partir do texto de Carlos Figueiredo, a aproximação é pensada nos marcos da Economia Política da Comunicação. César Bolaño, cuja obra é discutida no artigo de Figueiredo, comparece com um breve comentário ao texto, como forma de estimular um debate central para a EPC, como é o das suas relações com os estudos no campo da linguagem, recuperando o debate sobre as relações entre o pensamento de Marx e de outros autores importantes, marxistas, como Lukács e Rossi-Landi.

Desejamos uma boa leitura!